

Resumo: O artigo reflete sobre o sentido da Liturgia como formadora de “missionários de Jesus Cristo”, a partir das orações e ritos da própria Liturgia. Começa pesquisando o nexa entre “Liturgia e Missão”, apresentando a seguir a Liturgia como “fonte de espiritualidade do missionário”. Finalmente, depois de refletir sobre “os desafios para a Liturgia a partir da missão”, conclui com as “contribuições da Liturgia para a missão continental”. Dessa forma, a Liturgia e a Missão devem ser vividas na unidade do mistério. Não tem sentido justapor, opor, ou preferir, uma a outra. A Igreja não é uma quando celebra a Liturgia e outra quando proclama o Evangelho. Não tem uma face voltada para Deus e outra voltada para a humanidade. Sua missão é ser o rosto de Deus no qual os homens podem reconhecer Aquele a quem procuram e, na mesma luz, ser o rosto dos homens que reflete a glória de Deus.

Abstract: The article intends to specify the significance of the Liturgy, whose prayers and rituals are inspiring the faithful to become missionaries in the footsteps of Jesus Christ. Beginning with the nexus between liturgy and mission, the theme focused upon is the liturgy as the source of the missionary spirituality, followed by the presentation of the challenges, which the liturgy faces in the aftermaths of the missionary activity and finally summing up the positive results of the liturgy on the mission on this continent. In this perspective, liturgy and mission are to be interrelated in a vivid experience of God's presence in the world. There are not juxtapositions, oppositions, or preferences, since the Church is not subdivided in stages, such as the celebration of the liturgy and the proclamation of the Gospel, since there is no opposition between the regard towards God and the focus directed towards humankind. The central aim is the view towards God in whose light humankind may recognize both the One of whom they are in pursuit and He who comes forward to meet those who are the image of God's likeness.

ITE MISSA EST A Liturgia formadora de missionários de Jesus Cristo¹

Dom Manoel João Francisco

O Autor, Doutor em Teologia, é Bispo diocesano em Chapecó, SC e Presidente da Comissão Episcopal para a Liturgia.

- 1 Palestra pronunciada na Reunião das Comissões Nacionais de Liturgia (CONALIs) em São Domingos (República Dominicana), nos dias 19-22/06/2006, em preparação à V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho a se realizar em Aparecida (Brasil). Na elaboração deste texto tive a ajuda da Equipe Nacional de Reflexão Litúrgica e de Pe. Marcelo Guimarães, que me enviou um texto. A estes colaboradores expresso os meus agradecimentos.

Encontros Teológicos nº 45
Ano 21 / número 3 / 2006, p. 121-133.



Iniciamos a nossa reflexão procurando entender o sentido da liturgia como formadora de missionários de Jesus Cristo, a partir de suas próprias fórmulas oracionais e de seus ritos. Consideremos, por exemplo, as Orações após a Comunhão: “Restaurados à vossa mesa pelo pão da vida, nós vos pedimos, ó Deus, que este alimento da caridade fortifique os nossos corações e nos leve a vos servir em nossos irmãos e irmãs”(XXII Domingo do Tempo Comum). “Aproveite-nos, ó Deus, a comunhão nesta eucaristia, para que vivamos sempre inflamados por aquele Espírito que derramastes sobre os vossos apóstolos” (Vigília de Pentecostes). “Tendo participado da vossa mesa, nós vos pedimos ó Deus, que N. e N., unidos em matrimônio, sempre vos sigam e anunciem a todos o vosso nome” (Formulário B, Missa pelos Esposos).

Nestas e em outras orações está o envio missionário a partir do mistério celebrado: serviço aos irmãos, anúncio do nome de Deus, o mesmo entusiasmo do início da pregação apostólica.

Percebemos ainda com mais clareza o envio missionário nas bênçãos solenes no final da missa: “Por que seguis confiantes o Cristo que hoje se manifestou ao mundo como luz entre as trevas, Deus vos torne também uma luz para os vossos irmãos” (Epifania). “Livres por sua intercessão dos males presentes, e inspirados pelos exemplos de suas vidas, possais colocar-vos constantemente a serviço de Deus e dos irmãos” (Todos os Santos). “Ele, que vos instruiu pela incansável pregação de São Paulo, vos ensine a conquistar também novos irmãos para Cristo” (S. Pedro e S. Paulo).

Lembremos ainda a Oração da Missa pela evangelização dos povos: “Ó Deus, quisestes que a vossa Igreja fosse o sacramento da salvação para todas as nações, a fim de que a obra do Salvador continuasse até o fim dos tempos. Despertai, no coração dos vossos fiéis, a consciência de que são chamados a trabalhar pela salvação da humanidade até que de todos os povos surja e cresça para vós uma só família e um só povo”.

1. A liturgia e a missão

Todos sabemos que a missão, antes de ser um “fazer”, é um “receber”. Se cremos que “a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja” (SC10), ou seja, a liturgia é o ponto alto de todo trabalho missionário, também cremos que a mesma liturgia é primordialmente fonte de toda a vida cristã (LG 11), fonte da santificação dos homens e



da glorificação de Deus (SC 10), fonte e ápice de toda a evangelização (PO 5) e que, cada vez que comemos do pão e bebemos do cálice, anunciamos a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Co 11,26).

“A missão da Igreja está em continuidade com a de Cristo: ‘Como o Pai me enviou, também eu vos envio’ (Jo 20,21). Por isso, a Igreja tira a força espiritual, de que necessita para levar a cabo sua missão, da perpetuação do sacrifício da cruz na eucaristia e da comunhão do corpo e sangue de Cristo. Deste modo a eucaristia apresenta-se como fonte e simultaneamente vértice de toda a evangelização, porque seu fim é a comunhão dos homens com Cristo e, nele, com o Pai e com o Espírito Santo” (EdE 22).

“Assim, a comunidade cristã de Antioquia envia seus membros em missão: depois de ter jejuado, rezado e celebrado a Eucaristia, ela faz notar que o Espírito escolheu Paulo e Barnabé para serem enviados” (cf. At 13,1-4) (RM 27).

Da liturgia, portanto, enquanto irrupção gratuita de Deus, nasce a força e o dinamismo missionário da Igreja, como muito bem intuiu o primeiro documento do Concílio Vaticano II, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, em seus parágrafos iniciais.

“O Sacrossanto Concilio propõe-se [...] promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja. Por isso julga ser seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia” (SC 1).

“Por isso, enquanto a Liturgia cada dia edifica em templo santo no Senhor, em tabernáculo de Deus no Espírito, aqueles que estão dentro dela [...], ao mesmo tempo admiravelmente lhes robustece as forças para que preguem Cristo. Destarte ela mostra a Igreja aos que estão fora como estandarte erguido diante das nações, sob o qual se congreguem num só corpo os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor” (SC 2; cf. também PC 6 e Me 9,3).

A presença pascal de Cristo comporta sempre um duplo aspecto: ao mesmo tempo que é uma boa notícia, também é um envio em missão. Assim, o mesmo Cristo que diz aos discípulos, trancados de medo, “*a paz esteja com vocês*”, também diz simultaneamente “*como o Pai me enviou eu os envio*” (Jo 20,21). Os dois aspectos são indivisíveis. O Ressuscitado se manifesta, mas não é retido. À Madalena pede: “*Não me retenhas, [...]. Vai, porém, a meus irmãos [...].* Maria foi então anunciar aos discípulos que vira o Senhor, narrando-lhes as coisas que



ele lhe tinha dito (cf. Jo 19,17-18). Aos discípulo de Emaús se tornou invisível, depois de ter-lhes aberto os olhos, fazendo-os voltar para Jerusalém a fim de anunciar que tinham reconhecido o Senhor na fração do pão (Lc 24.33-35). Tal como o anjo que anuncia a ressurreição, a liturgia refere-se sempre a um outro passo: “*Ide contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e que vos precede na Galiléia. Ali o vereis*” (Mt 28,7). Na Galiléia encontram-se “os gentios, os que jazem nas trevas” (Mt 4,15-16).

São Paulo define sua ação missionária de anunciar o Evangelho com verbos litúrgicos: *prestar culto* e *fazer memória*. Esta memória de que fala o Apóstolo, segundo os exegetas, deve ser colocada na linha da *anámnesis* litúrgica e significa a memória da obra salvífica de Deus que se faz presente em cada liturgia que celebramos.

“*Deus, a quem presto um culto espiritual, anunciando o evangelho de seu Filho, é testemunha de que, em minhas orações, faço memória de vós continuamente*” (Rm 1,9-10).

Outro texto Paulino, em que a relação entre liturgia e missão aparece de forma muito clara, é Rm 15,15-16: “*Entretanto, para reavivar as vossas lembranças, eu vos escrevi trechos com uma certa ousadia, em virtude da graça que Deus me deu de ser ministro de Jesus Cristo junto aos pagãos, consagrado ao ministério do Evangelho de Deus, a fim de que os pagãos se tornem uma oferenda que, santificada pelo Espírito Santo, seja agradável a Deus*”.

Nesse texto, a vocação missionária é descrita como a graça de ser ministro (*liturgo*) de Jesus Cristo entre os pagãos, exercitando o ofício sagrado do evangelho de Deus, para que os pagãos se tornem uma oblação agradável, santificada pelo Espírito Santo. Como se pode ver, aqui, “a evangelização é função litúrgica, sagrada e, com sua conversão a Cristo, os neófitos se tornam oferta santificada pelo Espírito e aceita a Deus”².

2. A liturgia: fonte de espiritualidade do missionário

A uma Igreja que caminha e que se põe na estrada, tal como os discípulos de Emaús (Lc 23,13-35), a liturgia oferece três experiências marcantes que alicerçam e fundamentam a missão:

2 J. LOPEZ-GAY, *Missões e Liturgia*, em D. SARTORE - A. M. TRIACCA, Dicionário de Liturgia, Paulinas, S. Paulo, 1992, p. 751.



- a) A **experiência** propriamente **eclesial** de reunir-se com os irmãos e as irmãs na fé, de acolher e ser acolhido, de reunir-se em nome de Cristo. Por mais solitário que possa estar, ou por mais árdua que possa ser sua missão, o cristão missionário reporta-se sempre a uma comunidade que o sustenta.
- b) A **experiência** de aprender a **Palavra** de Deus de forma que o coração se abraça, numa nova estruturação de sentidos, capaz de integrar o sofrimento, a dor e a morte. O missionário sabe que na base de sua missão está uma **Palavra** – ou melhor, está **a Palavra** – que o envia e o convoca.
- c) A **experiência** da **fração do Pão** e do **reconhecimento da presença** do Cristo, como memória explícita e reconhecimento expresso de sua aliança conosco. O dinamismo missionário da Igreja não nasce da vontade dos homens que decidem fazer-se propagadores de sua fé. Nasce do Espírito que atua nas celebrações litúrgicas. A missão não é nunca proselitismo ou mero serviço humano, mas decorre sempre da aliança que se constitui e se estrutura na eucaristia e no partir do pão que é o próprio Cristo.

“Terminada a assembléia, o discípulo de Cristo volta a seu ambiente cotidiano, com o compromisso de fazer, de toda a sua vida, um dom, um sacrifício espiritual agradável a Deus (cf. Rm 12,1). Ele sente-se devedor para com os irmãos daquilo que recebeu na celebração, tal como sucedeu com os discípulos de Emaús que, depois de terem reconhecido Cristo Ressuscitado na ‘fração do pão’ (cf. Lc 24,30-32), sentiram a exigência de ir imediatamente partilhar com seus irmãos a alegria de terem encontrado o Senhor” (DD 45).

“O Apóstolo põe em estreita inter-relação o banquete e o anúncio: entrar em comunhão com o Cristo no memorial da Páscoa significa ao mesmo tempo experimentar o dever de tornar-se missionário do acontecimento que esse rito atualiza. A despedida no final de cada missa constitui um mandato, que impele o cristão para o dever de propagação do Evangelho e de animação cristã da sociedade” (MND 24)

3. Os desafios para a liturgia a partir da missão

Para ser sentida e vivenciada como formadora de missionários de Jesus Cristo, a liturgia precisa ser aquilo que ela é: **liturgia**.

Com freqüência, os pastores aproveitam as celebrações para fazerem campanha missionária. A liturgia, no entanto, não deveria ser



ocasião de campanha missionária. Ela, em si, é fonte de missão. Mas aí é que reside o desafio. Para ser fonte de missão, a liturgia antes de tudo precisa ser lugar de **experiência de Deus**, que com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo, acolhe e reúne seus filhos e filhas como **comunidade de irmãos e irmãs** e não apenas como justaposição de crentes. Deve permitir uma **leitura cordial e vivificante** da Palavra de Deus, mais do que doutrinária e moralista. Deve ser a **renovação da aliança** que acolhe o **projeto vivificador e libertador** de Cristo, mais que uma simples devoção ou ato piedoso.

A liturgia só será plenamente missionária se for plenamente liturgia, ou seja, se for experiência densa e transformadora de Cristo ressuscitado, a exemplo das primeiras comunidades que a cada dia viam o número de fiéis crescer porque *“dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo”* (At 2,46-47).

O tempo depois do Concílio Vaticano II foi marcado pelo esforço da Igreja em responder a este desafio. Por isso, procurou inserir-se profeticamente na transformação social, política e cultural do continente, mergulhando solidariamente na defesa dos pobres. Medellín colocou a liturgia no centro dessa missão na história do povo, ligando liturgia e vida, celebração e compromisso histórico, afirmando que *“a celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana”* (Me 9,4). Puebla assumiu o maior entrosamento que começou a existir entre formas litúrgicas tradicionais e a piedade popular (cf. Puebla 465). Santo Domingo quis assumir uma liturgia em total fidelidade ao Concílio Vaticano II, bem como recuperar a adoção de formas, sinais e ações próprias das culturas da América e do Caribe (cf. SD 53)

Apesar de orientações tão claras e firmes, sem desconsiderar os grandes avanços, a liturgia ainda tem diante de si muitos e sérios desafios. Alguns deles já foram lembrados em encontros das CONALIs, como por exemplo, no Encontro de Costa Rica, em 2002.

- a) Desafio proveniente da cultura das grandes cidades. Sem dúvida, este é um grande desafio para as nossas celebrações litúrgicas. O ritmo de vida de nossas cidades induz as pessoas ao stress, à pressa, ao secularismo, ao anonimato, à dispersão familiar, ao lazer pelo lazer nos fins de semana. Essa situação, com certeza, vai exigir muita criatividade em termos de espaço



celebrativo, locais, horário e duração das celebrações, linguagem, acolhida, critérios de pertença à comunidade, bem como o processo de iniciação e formação litúrgica. Ainda, nas grandes cidades, em suas periferias, além do individualismo, do anonimato, da privatização da vida espiritual, vamos encontrar sérios problemas sociais (fome, doenças, violência, desemprego...). A prática da partilha de alimentos e roupas, os mutirões para construção de casas e ruas, a preparação de festas da comunidade, a visita aos doentes em equipe, o serviço organizado aos pobres, são forças que levam à quebra do individualismo. A liturgia só será eficaz, se engajar a comunidade nesse processo, como fundamento e consequência da celebração. A fonte renovadora da nossa liturgia, sob a ação do Espírito Santo, vem dos pobres, das suas lutas, das suas experiências de Deus, dos seus compromissos com a solidariedade, e dos seus sofrimentos.

“A vida de fé desses grupos no interior deste processo histórico é a que se faz liturgia e culto de modo muito específico. É um culto que celebra a luta permanente, inclusive até a morte, pela justiça e fraternidade. Os sacramentos são recuperados em sua irrenunciável dimensão histórica e daí recobram sua força profética para provocar um compromisso concreto. Dentro desses momentos densos de fé, se vive de maneira especial a “gratuidade” e também a paternidade-filiação. O pobre torna a ser parâmetro do culto cristão e exige contínua e permanente conversão a Deus nas classes exploradas”³.

- b) Desafio de uma perigosa tendência que centraliza a liturgia na pessoa do ministro ordenado, e pede cautela para locuções tais como “comunidade celebrante” ou “assembléia celebrante”, não sentindo pudor de desejar a volta do missal de Pio V. E chega até acusar a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II de ser a promotora da descristianização atual. Diante desta situação, a liturgia tem a grande tarefa de lembrar que, “participando do sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida cristã, (os fiéis) oferecem a Deus a Vítima divina e com Ela a si mesmos. Assim, quer pela oblação, quer pela sagrada comunhão, todos

3 R. VIDALES, “Experiencia sacramentaria, perspectiva de la liberación”, em *Desde la tradición de los pobres*, CRT, México, 1978, p. 211.



– cada um segundo sua condição – exercem na ação litúrgica a parte que lhes é própria. Reconfortados pelo Corpo de Cristo na sagrada comunhão, mostram de modo concreto a unidade do Povo de Deus, apropriadamente significada e maravilhosamente realizada por este augustíssimo Sacramento” (LG 11). “Por isso a Igreja, com diligente solícitude, zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou espectadores mudos. [...]. (Mas) aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, *não só pelas mãos do sacerdote, mas também juntamente com ele*” (SC 48). É o que rezamos na Prece Eucarística I: “...nós, vossos servos, e também vosso povo santo, vos oferecemos, ó Pai, dentre os bens que nos destes, o sacrifício perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação”.

“A comunidade cristã é o sujeito e titular de toda ação litúrgica e da celebração de todos os sacramentos. A liturgia não é uma celebração do sacerdote em favor da comunidade, mas sim, é toda a comunidade cristã quem celebra a liturgia dos sacramentos juntamente com quem preside. Esta mudança de perspectiva – a passagem de uma celebração *para a comunidade* a uma celebração *da comunidade* – deve aparecer claramente em cada celebração sacramental e litúrgica”⁴.

Este é o desafio mais conflitivo no momento. Aparece em todos os cursos e encontros onde se fala de liturgia. A saída será um grande mutirão de informação e formação em todos os níveis sobre o significado de Igreja Povo de Deus, sobre o sentido da participação do povo sacerdotal, e da teologia dos ministérios litúrgicos. Por trás deste desafio está uma visão muito estreita do ministério ordenado, um medo infundado de perder o poder, e uma concepção errada do verdadeiro sentido da assembléia como sujeito da ação litúrgica.

- c) Desafios que vêm da visão angelical, desligada do mundo e da história, onde a participação nas celebrações litúrgicas é o momento de abstrair-se das lutas do dia a dia, transportando-

4 K. RICHTER, “El nuevo paradigma de la liturgia y los sacramentos”, em *Selecciones de Teología*, 178(2006)83-89.



se para uma realidade etérea e alucinante, totalmente contrária à natureza da liturgia. A celebração deverá recuperar a ligação da vida com a liturgia, celebrando o mistério pascal de Cristo presente e em realização na vida do povo.

“O Povo de Deus convocado para o culto é o mesmo povo que trabalha, faz festa, sofre, espera e luta na História. Por isso, as nossas assembléias são diversificadas. É mister abrir espaços de esperança à manifestação das ricas expressões religiosas das comunidades, dos grupos étnicos e das grandes massas empobrecidas. Porque não é possível celebrar um ato litúrgico alheio ao contexto da vida real do povo, em sua dimensão pascal (CNBB, doc. 43, n. 55).

“E porque o mistério pascal de Cristo celebrado e atualizado em cada sacramento deve ressoar e completar-se na vida, toda a Liturgia deve levar a um compromisso social. O cristão celebrante é sinal vivo do mistério pascal e portanto instrumento de salvação integral. Por outro lado, na medida em que as comunidades estão comprometidas com a transformação do mundo, seu engajamento repercute na Liturgia, fonte e ápice de toda a vida cristã” (CNBB, doc. 43, n. 157).

- d) Desafios que vêm da visão que privilegia apenas a ótica da política ou do compromisso social. Sem dúvida, a liturgia é práxis, mas é também festa, gratuidade. Limitar a celebração a um protesto, a uma campanha de conscientização, significa adulterá-la.

“Se, por um lado, determinado discurso ajuda a enraizar a fé na existência, purificando-a de interpretações alienantes, pode, ao mesmo tempo, sufocá-la. O discurso racional, da eficácia, pode reduzir de tal forma a ação divina nos gestos humanos que torna difícil descobrir a transparência da segunda na primeira. Por isso, o desafio é manter na celebração o olhar da fé que é capaz de reconhecer a carinhosa presença de Deus na vida. Se uma celebração não cria espaços para a oração gratuita, que se expressa na confissão dos pecados, nas preces, na oração de confiança, no louvor, é sinal de que algo não está bem”⁵.

5 A. MURAD e M. GUIMARÃES, *O amadurecimento litúrgico das CEBs e os sinais de uma nova espiritualidade*, em REB 208(1992)830.



Por isso a ação litúrgica cuidará de unir verticalidade com horizontalidade na celebração, dando prioridade à dimensão orante, de modo que a assembléia se una a Deus e a Cristo e se sinta ungida e urgida a assumir o compromisso profético de transformação das estruturas injustas.

- e) Desafios que vêm da pouca formação teológica e a quase completa falta de iniciação aos ritos e ao sentido da celebração, gerando uma mentalidade rubricista, preocupada em assegurar a validade das ações rituais. Para conseguir a participação consciente e frutuosa dos participantes, a liturgia terá que fundamentar teologicamente em que consiste a natureza da celebração cristã e, ao mesmo tempo, encontrar um jeito simples de celebrar com o povo, valorizando suas aspirações e investindo numa acolhida calorosa e no emprego de uma linguagem acessível. Os ritos fechados em si mesmos nada dizem. Devem estar relacionados e em íntima conexão com o mistério celebrado. Aqui falta a verdadeira teologia do que seja uma celebração do mistério pascal de Cristo e sua relação profunda com o hoje da história das pessoas e das comunidades.
- f) Desafios provenientes do descuido com a formação litúrgico-musical do clero, dos religiosos e demais agentes de pastoral. Em conseqüência, encontramos-nos diante de situações pastorais embaraçosas, como por exemplo, o inadequado exercício do ministério litúrgico do canto nas “missas show” transmitidas por alguns canais de televisão, além da divulgação de produções musicais de baixa qualidade e quase sempre não condizentes com a natureza da liturgia.
- g) Desafios que vêm do uso indiscriminado dos meios de comunicação social pela liturgia. A espetacularização e a mercantilização tendem a fazer das celebrações objeto de mercado e concorrência. O problema é muito sério. Os ritos não são feitos para serem assistidos, mas participados. Diferente da TV que produz espetáculo para serem assistidos, a ação ritual não se deixa assistir. É um evento que os atores fazem para si mesmos. O uso indiscriminado dos MCS pela liturgia com certeza faz concessões ao sistema midiático, provocando conflitos com a natureza das celebrações litúrgicas, conflitos caracterizados por um retorno ao devocionalismo, a transformação do presbitério em palco, da assembléia em platéia



e do padre em animador de “show” ou de programa de auditório. Na relação mídia – liturgia, geralmente a mídia acaba sendo a que dita as regras do jogo, nem sempre consoantes com as regras da liturgia⁶.

4. As contribuições da liturgia para a missão continental

Num continente com tantos desafios para que a liturgia realize sua missão de “promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja” (SC 1), parece que se poderia considerar as seguintes frentes de trabalho:

- Recuperar as expressões celebrativas autênticas, fundadas na Bíblia e na tradição litúrgica, para que sejam, de fato, alimento da verdadeira mística cristã;
- Promover as grandes linhas teológicas da *Sacrosanctum Concilium* e dos demais documentos do Concílio Vaticano II, diante do reflorescimento e crescimento de uma tendência devocionalista, intimista e subjetivista, que desponta com muito vigor;
- Trabalhar, não obstante os avanços feitos, a linguagem simbólica, própria da liturgia e que, com facilidade, se esvai em alegorias ou em linguagem “espetacular”, própria da televisão;
- Ajudar as pastorais a entenderem que a liturgia é fonte da espiritualidade cristã e de toda ação evangelizadora;
- Fazer um investimento sério, a médio e a longo prazo, na inculturação da liturgia na cultura urbana, bem como nos meios indígena e afro;
- Encaminhar ações concretas para superar o vazio e a distância que se criou ou está se criando entre o que se entende por celebração litúrgica e a “liturgia” veiculada pelos meios de comunicação social e a praticada em alguns movimentos eclesiais;

6 Sobre este desafio, Pe. Domingos Volney NANDI escreveu e defendeu uma longa tese (712 páginas) com o título: “*Missa catódica. O (des)encontro de duas lógicas no processo de mediação da ritualidade da celebração da eucaristia*”. Vale a pena conferir.



- Planejar por todos os meios disponíveis a formação litúrgica em todos os níveis;
- Trabalhar a organização de espaços celebrativos inculturados, à luz da teologia da liturgia;
- Estudar alternativas para fomentar a formação da música ritual como “parte integrante da liturgia” e alimento e condicionante eficaz da fé.
- Inserir na celebração as preocupações com a preservação da criação, enfatizando os aspectos cósmicos e a responsabilidade com o meio ambiente;
- Possibilitar uma liturgia mais ecumênica, que avance para além do calendário da semana de oração pela unidade dos cristãos, e que inclua a referência e a prece a outras expressões religiosas, exercitando a tolerância e ultrapassando o proselitismo, como expressão de nossa catolicidade;
- Acolher na dinâmica da celebração a necessidade de uma cultura de paz e os avanços feitos neste sentido, enfatizando os aspectos pacifistas do Evangelho.

Conclusão

A liturgia e a missão devem ser vividas na unidade do mistério. Jamais terá sentido opor, justapor ou preferir uma a outra. “A Igreja não é uma quando celebra a liturgia e outra quando seus membros a vivem: apenas age diversamente. O mesmo acontece com sua missão. Não tem uma face voltada para Deus e outra voltada para os homens. Sua missão nos últimos tempos é ser o rosto de Deus no qual os homens podem reconhecer aquele que procuram e, na mesma luz, o rosto dos homens que reflete a glória de Deus (cf. 2Co 4,6)⁷.

A Igreja recebe e descobre a sua missão quando celebra a liturgia. “A liturgia celebrada e a liturgia da missão são dois momentos do mesmo amor: como amar nossos irmãos se não acolhemos antes Aquele que nos amou primeiro? São os dois movimentos do mesmo mistério pascal”⁸.

Sem a liturgia, a missão vira publicidade. “Só podemos ser testemunhas daquele que ouvimos, que nossos olhos contemplaram e

⁷ J. CORBON, “Liturgia de Fonte”, S. Paulo, Ed. Paulinas, 1981, p. 192.

⁸ IDEM, *Ibidem*, p. 193)



que nossas mãos tocaram, se seu fogo nos purificar até moldar-nos totalmente a ele. Da epítese de nosso batismo à de nossas eucaristias, é este mesmo fogo que age em nós para que a vida realize sua obra em nossos irmãos”⁹.

É por isso que em todas as celebrações somos enviados:

“Ide! O Senhor vos acompanhe!

A alegria do Senhor seja a vossa força!

Glorificai o Senhor com vossa vida!

Levai a todos a alegria do Senhor ressuscitado!”

E de nosso coração dilatado, alimentado pela partilha do pão da Palavra e da Eucaristia, brota a expressão de júbilo pelo dom da Liturgia e da Missão:

“Graças a Deus!”

Endereço do Autor:

Av. Getúlio Vargas, 171-S

Centro

Caixa Postal 726 (89801-970)

89801-001 Chapecó, SC

diocese@diocesechapeco.org.br

9 IDEM, *Ibidem*, p.196.